

VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

ISSN: 2525-9571

Vol. 6 | N^o. 3 | Ano 2024

**Bárbara de Almeida T.
Borges**

Instituto Federal de Goiás - IFG
barbara.borges@ifg.edu.br

Thiago de Faria e Silva

*Instituto Federal de Brasília -
IFB*
thiago.faria@ifb.edu.br

**EIXO TEMÁTICO: PRÁTICAS
INTERDISCIPLINARES E
DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO**

**OLHARES ESTUDANTIS:
a Experiência de uma Oficina de
Cinema com estudantes do Ensino
Médio Integrado**

*Student looks: the experience of a
cinema workshop with integrated
high school students*

Resumo: Este artigo analisa a experiência da oficina de cinema "Olhares Estudantis", realizada com estudantes do Ensino Médio Integrado, que buscou promover a criação de narrativas audiovisuais autorais e reflexivas sobre suas vivências no ambiente escolar. A oficina foi estruturada em torno de dispositivos pedagógicos específicos, como a Fotografia Narrada, o Minuto Lumière e o Filme-Carta, com o objetivo de permitir que os alunos explorassem suas identidades, memórias e a relação com o espaço escolar. O processo criativo foi conduzido de forma colaborativa, com momentos de discussão, produção e análise das produções audiovisuais, o que possibilitou o desenvolvimento de um olhar crítico e sensível dos estudantes sobre si mesmos e o mundo ao seu redor. A oficina culminou na realização de uma mostra audiovisual, em que os filmes produzidos foram compartilhados com a comunidade escolar. O artigo analisa os resultados dessa experiência, evidenciando a relevância do cinema como metodologia ativa no processo educativo e sua eficácia em promover a autonomia, o pensamento crítico e a expressão identitária dos estudantes.

Palavras-chave: Cinema; Educação; Identidade; Audiovisual; Ensino Médio Integrado.

Abstract. *This article analyzes the experience of the "Olhares Estudantis" (Student Perspectives) cinema workshop, conducted with Integrated High School students, aimed at promoting the creation of reflective and original audiovisual narratives about their experiences within the school environment. The workshop was structured around specific pedagogical tools, such as Narrated Photography, the Lumière Minute, and the Letter-Film, with the goal of enabling students to explore their identities, memories, and their relationship with the school space. The creative process was carried out collaboratively, involving moments of discussion, production, and analysis of audiovisual works, which fostered the development of a critical and sensitive perspective in students about themselves and the world around them. The workshop culminated in an audiovisual exhibition, where the films produced were shared with the school community. The article examines the outcomes of this experience, highlighting the importance of cinema as an active methodology in the educational process and its effectiveness in promoting students' autonomy, critical thinking, and identity expression.*

Keywords: Cinema; Education; Identity; Audiovisual; Integrated High School.

1. Introdução

O cinema, enquanto linguagem artística e sensível, tem se mostrado uma poderosa ferramenta pedagógica, capaz de transformar o ambiente escolar e promover novas formas de expressão, aprendizagem e interação. Ao possibilitar que os estudantes se tornem criadores de suas próprias narrativas, o cinema oferece um espaço de autonomia, em que o aprender vai além do conteúdo formal para se conectar com a subjetividade e as experiências individuais dos alunos (Fresquet, 2013). A partir dessa perspectiva, a oficina de cinema “Olhares Estudantis”¹ foi desenvolvida com o intuito de explorar o potencial do audiovisual na educação, proporcionando um lugar de expressão e construção de identidades e memórias para os estudantes do Ensino Médio Integrado (EMI) de forma ampla e, de forma específica, no Campus Formosa do IFG, onde foi realizada a oficina.

Diferente de outras linguagens tradicionais, o cinema envolve o olhar de maneira ativa e sensível, permitindo que o sujeito se aproxime de suas experiências de forma crítica e reflexiva. Ao utilizar dispositivos como a Fotografia Narrada, o Minuto Lumière e o Filme-Carta², a oficina buscou criar um espaço em que os estudantes pudessem explorar suas vivências e, ao mesmo tempo, interagir com o ambiente escolar de uma maneira diferente daquela que o cotidiano propõe. Desse modo, não só ampliou as possibilidades de leitura do mundo, mas também, como observa Pipano (2023), ofereceu um campo para a criação de uma relação imanente entre o sujeito e o real.

A proposta da oficina “Olhares Estudantis” alinha-se à ideia de que através do ato de filmar, os estudantes não apenas registram o que está ao seu redor, mas transformam esse mundo, criando novas formas de ver e ser visto. Essa prática também permite que os alunos assumam um papel ativo na construção de suas identidades, em um processo que vai além da reprodução de conteúdos escolares e passa a integrar a criação autoral e crítica (Pipano, 2023).

A metodologia utilizada na oficina foi qualitativa e exploratória, com foco na criação colaborativa e autoral das produções audiovisuais por meio de uma pesquisa-ação. Segundo Michel Thiollent, este método é particularmente útil em situações onde o objeto de estudo requer uma mudança prática, sendo ideal para contextos educativos que buscam a transformação através da participação ativa dos envolvidos (Thiollent, 2011). O cinema, enquanto prática pedagógica, atuou como um dispositivo desestabilizador da tradicional hierarquia do ensino, permitindo que os estudantes se tornassem protagonistas de seus processos de aprendizagem e, ao mesmo tempo, criadores de novos significados para suas experiências cotidianas (Fresquet, 2013).

¹ O texto é fruto da pesquisa de mestrado intitulada: “Olhares Estudantis: Produções Audiovisuais e a Construção de Identidades e Memórias no Ensino Médio Integrado” vinculada ao ProfEPT/IFB. Acesse o produto educacional através do link: https://drive.google.com/file/d/1KSupqN3e5jy5oZ_2S_4oIZCFoWsOfzyy/view

² O Projeto Inventar com a Diferença é uma iniciativa da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF), atuando na formação de professores e estudantes na linguagem audiovisual e direitos humanos. O material pedagógico, organizado em um caderno, apresenta diversos dispositivos pedagógicos para educadores que desejam utilizar o audiovisual como um recurso, a oficina desenvolvida na pesquisa fez uso desse material. Disponível em: https://www.academia.edu/30703627/Cadernos_do_Inventar_com_Diferen%C3%A7a. Acesso em: 10 out. 2024.

O objetivo deste artigo é analisar a experiência da oficina de cinema “Olhares Estudantis” e discutir o impacto dessa prática no processo educativo e na reflexão sobre as experiências no Ensino Médio Integrado (EMI), especialmente no que se refere à construção de identidades e à criação de um espaço de memória dentro da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Além disso, o artigo reflete sobre a importância do uso de metodologias audiovisuais no ambiente escolar, destacando como essas práticas podem contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico e para a promoção de um ensino mais sensível e conectado às realidades dos alunos.

2. Desenvolvimento

2.1. Revisão de Literatura

A relação entre cinema e educação tem sido amplamente discutida nas últimas décadas, com ênfase no potencial transformador do cinema dentro do ambiente escolar. O cinema, mais do que uma ferramenta de entretenimento, emerge como um meio potente de construção de conhecimento e de desenvolvimento do pensamento crítico. Segundo Adriana Fresquet (2013), o cinema na educação se insere como um parceiro no processo pedagógico, ao provocar uma desestabilização das práticas tradicionais de ensino e ao permitir que os estudantes se aproximem do saber de maneira sensível, experiencial e criativa. Fresquet defende que, ao inserir o cinema no ambiente escolar, promove-se não apenas o aprendizado técnico, mas, principalmente, um novo olhar sobre o mundo, um olhar que articula o sensível e o intelectual na produção do conhecimento.

Alain Bergala (2008), em *A Hipótese-Cinema*, também coloca o cinema como um elemento essencial para a construção de uma pedagogia do olhar. Para ele, o ato de ver precede o ato de interpretar, e, nesse sentido, o cinema oferece uma forma de aprendizado que é, antes de tudo, visual e experiencial. Ele propõe que a escola se aproprie do cinema de maneira a oferecer uma cultura cinematográfica que vá além do consumo passivo de produtos audiovisuais, incentivando uma experiência mais reflexiva e profunda com as imagens.

Isaac Pipano (2023), por sua vez, problematiza a centralidade do olhar na experiência cinematográfica e sugere que o ato de filmar, ou "camerar", como ele prefere denominar, envolve uma relação imanente com o real, onde a câmera atua não como um mero mediador entre sujeito e objeto, mas como um dispositivo que transforma o mundo ao capturá-lo. Para Pipano, a experiência cinematográfica no ambiente escolar deve transcender a ideia de uma representação fiel da realidade e abrir espaço para novas formas de subjetividade e criação, permitindo que os estudantes reinventem o mundo a partir de suas próprias perspectivas. Ele propõe um rompimento com o regime oclocêntrico que muitas vezes domina a prática cinematográfica, defendendo uma abordagem mais aberta e fluida, na qual os estudantes possam "camerar" o mundo, criando novas formas de ver e saber (Pipano, 2023).

Essas perspectivas de abordagem do cinema na educação possuem grandes convergências com autores defensores de uma educação emancipatória, como Paulo Freire (2021). Em suas reflexões sobre educação e liberdade, Freire oferece uma base teórica essencial para o uso do cinema como ferramenta de emancipação no ambiente

escolar. Para Freire, a educação deve ser um processo de libertação, no qual os indivíduos são incentivados a transformar o mundo por meio de sua ação criativa. Essa perspectiva freiriana dialoga diretamente com a proposta de Bergala e Fresquet, ao colocar os estudantes como protagonistas no processo de aprendizagem, em que o cinema não apenas educa, mas transforma.

Quando aplicado ao contexto do Ensino Médio Integrado (EMI), o cinema se apresenta como um poderoso instrumento pedagógico para promover a construção de saberes que vão além da mera formação técnica. Gaudêncio Frigotto, Maria Ciavatta e Marise Ramos (2012) argumentam que o EMI deve se afastar de uma educação instrumental, voltada unicamente para o mercado de trabalho, propondo uma formação integrada e unitária que articule o trabalho, a ciência e a cultura. Nesse contexto, o cinema pode atuar como uma metodologia que rompe com o dualismo tradicional entre ensino técnico e ensino científico, entre o trabalho manual e o intelectual, integrando a formação intelectual a uma perspectiva de educação omnilateral por meio das construções de identidades e memórias dos estudantes.

A prática cinematográfica no EMI, como proposta pela oficina “Olhares Estudantis”, alinha-se a essa concepção de educação ao promover um espaço de criação autoral onde os jovens possam expressar suas experiências e memórias dentro da escola. Ao permitir que os estudantes assumam o papel de criadores de suas narrativas, o cinema contribui para a construção de identidades dinâmicas, conforme discutido por Stuart Hall (2006). A identidade, segundo Hall, é uma construção mutável, moldada pelas experiências e interações sociais, e o cinema oferece um meio de revisitar e reinterpretar essas experiências no ambiente escolar.

Nesse sentido, o cinema no EMI não se limita à formação técnica, mas amplia o horizonte de possibilidades de autoconhecimento, reflexão e ação social. Como aponta Ciavatta (2012), a escola e o trabalho são lugares de construção de memória e identidade, e o cinema, ao ser inserido nesse contexto, potencializa essa construção ao dar voz aos estudantes e ao criar um espaço onde suas vivências podem ser compartilhadas, reconhecidas e valorizadas.

Em resumo, a literatura contemporânea sobre cinema e educação converge na defesa do cinema como um dispositivo que, ao ser integrado ao ambiente escolar, possibilita a construção de novos saberes, identidades e formas de ver o mundo. Fresquet (2013), Bergala (2008) e Pipano (2023) destacam o papel do cinema na criação de experiências sensíveis que superam o ensino tradicional, enquanto Freire (2021) sublinha a importância da criatividade e da autonomia no processo de aprendizagem. No contexto do Ensino Médio Integrado, o cinema também se revela uma ferramenta poderosa para a construção de identidades e a articulação de saberes que dialogam com as realidades sociais e culturais dos alunos, ampliando as possibilidades de transformação educacional e social.

2.1. Desenvolvimento da Oficina

A oficina de cinema “Olhares Estudantis” foi concebida como um espaço de exploração audiovisual voltado aos estudantes do Ensino Médio Integrado, com o objetivo de estimular a criação de narrativas autorais e fortalecer a expressão das suas vivências e

VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

identidades no contexto escolar. Estruturada em cinco encontros presenciais, a oficina contou com atividades práticas e reflexivas, organizadas de forma a integrar discussões teóricas e experimentação criativa.

Cada encontro foi organizado para proporcionar uma imersão gradual na prática cinematográfica, integrando exercícios práticos com reflexões sobre identidade, memória e narrativa. O primeiro encontro foi dedicado à apresentação da oficina e à introdução das temáticas centrais: o poder das narrativas e o cinema como espaço de autorreflexão e transformação. A palestra "O Perigo de uma História Única", de Chimamanda Ngozi Adichie, foi utilizada como ponto de partida para a discussão sobre a importância de contar histórias que representem a pluralidade das experiências dos estudantes, incentivando-os a refletir sobre suas próprias narrativas e a construir novas formas de expressá-las por meio do audiovisual. Após essa discussão, os alunos realizaram uma atividade prática denominada Fotografia Narrada, capturando imagens que representassem algum aspecto de sua vivência no ambiente escolar e narrando o significado por trás de suas escolhas. O segundo encontro focou na exploração do gênero carta e na introdução dos conceitos fundamentais da linguagem audiovisual. Através de discussões teóricas e exercícios práticos, os alunos foram incentivados a transformar cartas em roteiros audiovisuais, combinando a linguagem escrita e visual de forma criativa. Nesse contexto, o exercício do Minuto Lumière foi utilizado para introduzir os estudantes à captação de imagens com um olhar atento e reflexivo, desafiando-os a registrar um minuto da realidade ao seu redor em um único plano fixo, sem edição. A proposta foi explorar a simplicidade e a potência do registro visual no contexto cotidiano.

O terceiro encontro trouxe o dispositivo central da oficina, o filme-carta, uma prática que combina a intimidade e subjetividade do gênero epistolar com a linguagem audiovisual. Através de exemplos de filmes-cartas e discussões teóricas sobre o processo de criação, os alunos foram incentivados a escrever cartas dirigidas a pessoas reais ou imaginárias, que serviriam como base para seus roteiros audiovisuais. Os estudantes então começaram a filmar e editar suas cartas, utilizando as técnicas discutidas em sala para transformar suas palavras em imagens e sons que refletissem suas experiências pessoais. O quarto encontro foi dedicado ao aprendizado das técnicas de edição audiovisual. Utilizando um software de fácil acesso (CapCut), os alunos aprenderam a realizar cortes, ajustar trilhas sonoras e aprimorar a qualidade visual de seus projetos. Essa etapa foi essencial para que os estudantes consolidassem suas habilidades técnicas e avançassem na produção dos filmes-cartas, refletindo sobre como cada escolha de edição influenciava a narrativa final.

Por fim, o quinto encontro serviu como um momento de revisão e reflexão, onde os alunos puderam discutir seus processos criativos e as dificuldades encontradas ao longo do desenvolvimento dos filmes. A oficina proporcionou um espaço de criação colaborativa, no qual os alunos se tornaram protagonistas de suas narrativas, refletindo sobre suas experiências e compartilhando suas histórias através do cinema. A culminação do processo foi a exibição dos filmes na Mostra "Olhares Estudantis", servindo como um espaço de escuta e valorização das vozes juvenis e de reflexão profunda sobre as experiências no Ensino Médio Integrado (EMI). A oficina, ao longo de seus encontros, revelou o potencial do cinema não apenas como uma técnica de produção, mas como uma ferramenta pedagógica capaz de transformar o olhar dos estudantes sobre o mundo ao

seu redor, incentivando-os a serem autores de suas próprias histórias e protagonistas de suas identidades. A esse caráter criativo e criador dos vídeos discentes, soma-se a possibilidade de reconhecer, no conjunto da produção, um localizado, mas representativo, acervo de questões sobre o EMI, capaz de contribuir para um balanço dessa modalidade de ensino que, em 2024, completa 20 anos do Decreto nº 5.154/2004.

3. Resultados

3.1. Fotografias Narradas

O dispositivo "Fotografia Narrada" é uma metodologia pedagógica que articula imagem e narração como ferramentas para promover reflexões sobre identidade, memória e espaço. Neste dispositivo, os estudantes são convidados a escolher ou produzir uma fotografia que represente sua experiência no ensino médio integrado e, em seguida, a narrar suas percepções sobre a imagem em um áudio de até um minuto. O objetivo é explorar como a fotografia pode atuar como um meio de expressão pessoal e coletiva, além de possibilitar a construção de narrativas que conectam as experiências dos estudantes com o espaço escolar.

Teoricamente embasada por autores como Ecléa Bosi (1994), que destaca o papel da memória na construção da identidade, e Stuart Hall (2006), que aborda a construção identitária, a 'Fotografia Narrada' se torna um exercício de ressignificação. Através da imagem, os estudantes foram levados a revisitar suas memórias e a refletir sobre como suas experiências individuais são moldadas pelas relações sociais e pelo território escolar.

Em termos de resultados, as produções estudantis revelaram narrativas profundas e complexas, onde as relações interpessoais e o espaço escolar emergem como elementos centrais na construção das experiências educacionais. Um exemplo marcante foi a fotografia intitulada "*Nascimento*", a estudante escolheu uma imagem de sua mãe e avó sentadas lado a lado, em frente a uma parede simples e desgastada. A narração abordou a importância dessas duas figuras em sua trajetória educacional, destacando como a educação não era apenas um projeto pessoal, mas um meio de realizar os sonhos de gerações anteriores. A estudante mencionou que sua avó sempre sonhou em ser alfabetizada, enquanto sua mãe deseja vê-la formada. Essa fotografia evidenciou a profunda conexão entre a história familiar e a educação, revelando como o espaço escolar se torna um lugar de ressignificação de lutas e conquistas familiares. Segundo Bosi (1994), a memória social é continuamente transformada pelas experiências, e a narrativa de "*Nascimento*" exemplifica como o passado familiar influencia a formação identitária da estudante.

Outra produção significativa foi a fotografia "*Paninho*", na qual um pedaço de tecido simples, desbotado, repousava sobre o gramado do campus. Embora aparentemente um objeto banal, o "paninho" carregava um significado emocional denso para a estudante, sendo descrito como o local onde várias conversas, risadas e momentos de amizade ocorreram durante os intervalos escolares. A narração ressalta como o paninho foi testemunha e símbolo das amizades construídas no Instituto Federal, evidenciando como os espaços e objetos cotidianos podem se tornar repositórios de memórias afetivas. Conforme Halbwachs (2004), a memória é construída em coletividade e o paninho se

torna um símbolo dessa construção coletiva de laços afetivos dentro do ambiente escolar. A fotografia, portanto, foi uma metáfora visual para as relações sociais e o sentimento de pertencimento no espaço escolar.

Esses exemplos indicam que o dispositivo "Fotografias Narradas" não apenas proporcionou aos estudantes uma oportunidade de reflexão crítica sobre suas vivências no ensino médio integrado, mas também funcionou como uma prática que promoveu a articulação entre imagem, memória e identidade. Ao conectar suas experiências pessoais ao ambiente escolar, os estudantes não apenas produziram fotografias, mas criaram narrativas que ilustram como a escola é vivenciada, percebida e ressignificada a partir de suas memórias e relações sociais.

3.2. Minuto Lumière

O dispositivo "Minuto Lumière" foi inspirado nas primeiras experiências cinematográficas dos irmãos Lumière e teve como objetivo principal ensinar os estudantes a desenvolver um olhar mais atento e reflexivo para o cotidiano. Ao pedir que os alunos realizassem um plano fixo de sessenta segundos, sem movimentos de câmera ou cortes de som, o exercício desafiou-os a capturar a espontaneidade e os detalhes que permeiam o fluxo da vida cotidiana.

Durante a realização do exercício, um aspecto interessante foi o estranhamento inicial dos estudantes em relação à duração do plano. Acostumados ao consumo rápido de vídeos nas plataformas digitais, muitos relataram que manter uma câmera fixa por um minuto parecia "muito tempo". Esse estranhamento reflete a diferença entre a velocidade das mídias contemporâneas e a proposta de reflexão mais lenta e atenta sugerida pelo Minuto Lumière. Contudo, à medida que realizavam a atividade, os alunos começaram a perceber o valor de permitir que a cena e o ambiente se desdobrassem naturalmente, proporcionando-lhes uma nova perspectiva sobre o tempo e o cinema.

Os registros realizados pelos estudantes variaram tanto em estilo quanto em cenário. A maioria optou por filmar no campus, capturando as diferentes dinâmicas do ambiente escolar. Um exemplo foi "5 dias para a greve", que mostra o pátio do campus inicialmente vazio, até que algumas pessoas começam a subir uma escada ao fundo. A cena evoca uma sensação de expectativa e transição, representando o clima de espera que antecede a paralisação no ambiente escolar. Em "Nossa diversão", a câmera fixa registra um grupo de estudantes jogando vôlei em círculo, capturando a vitalidade e a interação dos jovens, enquanto "Momentos no IF" traz uma cena semelhante, porém agora sob a chuva, enfatizando como os elementos naturais interagem com o espaço escolar.

Além dos registros no campus, alguns estudantes optaram por explorar outros cenários. Em "Às 10 da manhã no parque", por exemplo, um estudante filmou uma cena do Parque Municipal em preto e branco, capturando o movimento suave da água e o ritmo tranquilo dos transeuntes, criando um contraste com a agitação escolar. Já "Um longo caminho percorrido" retrata a movimentada avenida comercial com carros e pedestres em constante fluxo, evidenciando a dinâmica da vida urbana.

Esses exemplos revelam a diversidade de olhares que o Minuto Lumière possibilitou, permitindo aos estudantes explorar e interpretar o ambiente ao seu redor de maneiras únicas. Conforme Barcelos (2015) sugere, cada imagem capturada carrega

consigo múltiplas camadas de significado, revelando rastros culturais, sociais e simbólicos que conectam os sujeitos a um entendimento mais profundo de seus espaços.

Por fim, o exercício do Minuto Lumière proporcionou aos estudantes uma nova forma de interagir com o tempo, o espaço e os detalhes do cotidiano, desafiando-os a criar narrativas visuais que vão além do óbvio. A prática ensinou-os que, mesmo sem movimentos ou cortes, uma cena fixa pode conter uma riqueza de significados, tornando-se uma janela para a percepção e para a experiência subjetiva.

3.3. Filmes-Cartas

O dispositivo filme-carta, última proposta da oficina "Olhares Estudantis", ofereceu aos alunos a oportunidade de explorar suas vivências e experiências pessoais por meio de uma narrativa audiovisual intimista, inspirada na linguagem epistolar. A proposta do filme-carta, que exige a criação de uma mensagem audiovisual destinada a um interlocutor específico, proporcionou aos estudantes uma nova forma de reflexão sobre suas histórias e identidades. Baseado no conceito de escrever uma carta por meio de imagens e sons, esse exercício demandava decisões conscientes sobre o que capturar e como transmitir suas emoções, transformando o cinema em uma ferramenta de autoconhecimento e expressão crítica.

Um exemplo significativo dessa prática foi o filme-carta "Lembranças na greve". As realizadoras capturaram momentos do cotidiano escolar durante um período de greve, utilizando uma abordagem nostálgica que focava nas amizades e nas interações entre colegas no campus. O filme se destacou por sua estética de simplicidade, com imagens de estudantes sentados no pátio, brincando e conversando com servidores, compondo uma narrativa que realçava a importância das relações sociais no ambiente escolar. As memórias afetivas, transmitidas por meio de mensagens de áudio, evidenciavam o impacto duradouro dessas conexões na experiência educacional, ressaltando a forma como o Ensino Médio Integrado proporciona não apenas aprendizado acadêmico, mas também vivências emocionais e sociais que moldam a identidade dos alunos.

Outro filme-carta que abordou a profundidade das relações interpessoais foi "Amizade verdadeira", no qual duas amigas trocaram cartas em uma narrativa que refletia sobre suas experiências no Instituto Federal. O filme alternava entre momentos de convivência no campus e reflexões pessoais das autoras, destacando episódios de dificuldades e alegrias compartilhadas. As imagens poéticas do espaço escolar, combinadas com a narrativa sobre a construção de uma amizade duradoura, ofereciam uma visão íntima das interações sociais que ocorrem no ambiente escolar. A obra evidenciou como essas relações contribuem para o desenvolvimento emocional e social dos alunos, reforçando a importância de uma formação integral, característica central da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

No filme "Nossa vida no IF", a estudante escolheu escrever uma carta para seus pais, buscando expressar as complexidades e os desafios de sua rotina no Instituto Federal. A narrativa revela a sobrecarga emocional vivida pelos alunos do Ensino Médio Integrado, com cenas que mostram a agitação do dia a dia escolar e a sensação de exaustão. Ao utilizar uma estética informal, com imagens retiradas de seu celular e um tom narrativo que transmitia urgência, o filme destaca o conflito entre as expectativas familiares e a

VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

realidade dos estudantes. Essa obra trouxe à tona a importância de o ambiente escolar também ser um espaço de acolhimento emocional, onde as demandas acadêmicas precisam ser equilibradas com o bem-estar dos alunos.

Em "Querido bebê", uma jovem estudante escreve uma carta para o filho que espera, refletindo sobre o impacto da gravidez em sua vida escolar e sua trajetória no EMI. O filme alterna entre cenas de sua rotina no campus e momentos mais íntimos, como visitas a consultas médicas e a escolha de roupas de bebê. A narrativa revela a complexidade de conciliar as exigências acadêmicas com os desafios pessoais, destacando o apoio que encontrado no ambiente escolar, tanto por parte de colegas quanto de profissionais do Instituto Federal. A obra reforça a ideia de que o Ensino Médio Integrado (EMI) pode oferecer um espaço de acolhimento e suporte emocional, além de seu papel tradicional de formação acadêmica, entendendo o espaço do campus como um local de formação omnilateral dos estudantes.

Por fim, o filme "Ser Invisível" tratou das angústias de um jovem que se sentia deslocado e invisível em seu ambiente escolar. A carta era dirigida a um "vazio", simbolizando o sentimento de isolamento que o acompanhava em sua trajetória. O filme utilizava uma estética melancólica, com imagens contemplativas do campus, cenas noturnas e momentos de introspecção no ambiente doméstico. Uma das sequências mais impactantes mostrava o jovem sentado à mesa com seus colegas, seguido de uma cena em que ele desaparecia do mesmo quadro, uma metáfora visual para sua sensação de invisibilidade. A narrativa reflete sobre as pressões acadêmicas e as expectativas de desempenho, destacando o desafio de encontrar seu lugar no mundo. Esse aspecto pode ser lido como um alerta ao EMI, ao reverberar queixas comuns dos estudantes sobre a sobrecarga de trabalho e avaliações, principalmente quando a integração não é realizada de forma sistemática. Soma-se a isso as dificuldades de se conciliar uma formação emancipatória com pressões advindas de uma sociedade capitalista competitiva e um acesso ao ensino superior restritivo, o que, por vezes, manifesta-se em práticas escolares conflitantes dentro de um curso de EMI, culminando em sérios impactos na saúde mental dos estudantes.

Ao final, apesar do sofrimento exposto, o protagonista demonstra uma superação serena de seus medos, revelando o papel da escola na construção de uma identidade marcada pela resiliência. O filme-carta explora a complexidade emocional de se sentir invisível, transformando essa experiência em um processo de autoconhecimento e superação. E, apesar do desfecho de superação, o vídeo, como uma pequena fagulha de sentidos críticos, contém importantes elementos críticos para a reflexão sobre o EMI que projetamos nesses últimos 20 anos e aquele que, de fato, estamos construindo.

Esses exemplos demonstram como o dispositivo filme-carta permitiu aos estudantes transformar suas experiências pessoais em narrativas cinematográficas, explorando o espaço escolar, as relações sociais e as mudanças em suas vidas. A prática não apenas desenvolveu suas habilidades técnicas, mas também incentivou uma reflexão crítica sobre o papel do audiovisual como ferramenta para expressar suas histórias e identidades.

4. Conclusão

A oficina "Olhares Estudantis" demonstrou, por meio de seus três dispositivos – Fotografia Narrada, Minutos Lumières e Filmes-cartas – o potencial do audiovisual como ferramenta pedagógica para a construção de uma educação mais sensível e crítica. Cada um desses dispositivos proporcionou aos estudantes a oportunidade de expressar suas vivências, memórias e identidades a partir de um olhar criativo e reflexivo sobre o ambiente escolar e suas relações sociais.

A Fotografia Narrada possibilitou uma exploração profunda da relação entre memória e imagem, permitindo aos estudantes revisitar suas experiências e compartilhar suas percepções sobre a construção de suas identidades. O Minuto Lumière desafiou os alunos a desacelerar seu olhar e valorizar o tempo e os detalhes que compõem o cotidiano, promovendo uma nova percepção do espaço escolar. Já o Filme-carta, por sua vez, ofereceu um meio único de comunicação visual, permitindo que os estudantes explorassem suas subjetividades e reflexões de maneira íntima e emocional, ao mesmo tempo em que se conectavam com a coletividade.

Além de incentivar o desenvolvimento de habilidades técnicas no audiovisual, esses dispositivos promoveram um espaço de diálogo enriquecedor entre experiências pessoais e coletivas no âmbito do EMI e da EPT, criando oportunidades para que os alunos refletissem sobre suas trajetórias e as relações que construíram ao longo de sua formação no Instituto Federal. Dessa forma, a oficina não apenas enriquece o aprendizado dos alunos, mas também estabelece um modelo de educação inclusiva e inovadora, que reconhece e valoriza a diversidade das experiências e vozes dos estudantes.

Por fim, a pesquisa-ação, de um lado, aplicou, em uma escala microestrutural, a proposta de uma formação emancipatória ampla, vendo os alunos cursistas de forma omnilateral, o que está consolidado nos resultados das criações discentes, com os diversos dilemas humanos reverberados. De outro lado, ao produzir um caminho de escuta sensível das memórias discentes, a pesquisa também possibilitou a reflexão sobre os sentidos e significados produzidos pelos alunos acerca de suas experiências e vivências na EPT e no EMI. Isso nos permitiu, ao mesmo tempo, ensaiar dispositivos e metodologias para a EPT e o EMI que desejamos continuar construindo e também reunir elementos para um balanço crítico sobre aquilo que temos feito até o presente como educadores-construtores do EMI em particular e da EPT, de forma geral.

5. Referências

BARCELOS, Patrícia. **Imagem-aprendizagem**: experiências da narrativa imagética na educação. 203 p. Tese (Doutorado) - UNB.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklinks; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise Nogueira (orgs.). **Ensino Médio Integrado**: Concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação**. Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A Editora, Rio de Janeiro, 11. ed., 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

MIGLIORIN, Cezar. O ensino de cinema e a experiência do filme-carta. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, **E-compós**, Brasília, v.17, n.1, p. 1-16, jan/abril. 2014.

PIPANO, Isaac. **Isso que não se vê**: teorias para cinemas e educações. Rio de Janeiro: Multifoco, 2023.

RAMOS, Marise Nogueira. História e política da educação profissional. **Coleção formação pedagógica**, v. 5. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Bárbara de Almeida T. Borges

Mestranda do curso de Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFB) e servidora no Instituto Federal de Goiás (IFG).

Thiago de Faria e Silva

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), docente no Instituto Federal de Brasília (IFB).